



TENSÃO INTERNACIONAL

Agência norte-americana de inteligência estaria por trás da explosão de instalações de armazenamento e embarque de drogas no litoral caribenho. Ação foi a primeira realizada no solo desde a mobilização militar ordenada por Trump no Caribe

CIA fez o ataque à Venezuela

» SILVIO QUEIROZ

O ataque da véspera de Natal contra um complexo de armazenameto e embarque de drogas no litoral da Venezuela, a primeira operação militar dos Estados Unidos no território do país, foi planejada e executada pela Agência Central de Inteligência (CIA), afirma o jornal *The New York Times*, que cita como fonte altos funcionários da área de segurança do governo Donald Trump. A operação tinha sido comentada pela primeira vez na última sexta-feira pelo presidente, que na segunda-feira confirmou a notícia. O local preciso e uma descrição exata dos alvos continuavam desconhecidos até a noite de ontem, assim como não tinha sido registrado nenhum comentário oficial da parte venezuelana.

Os EUA iniciaram há quatro meses a concentração de um poderio aeronaval inédito ao largo da costa venezuelana do Caribe, com a finalidade declarada de agir diretamente contra os cartéis sul-americanos de narcotráfico — notadamente, na Venezuela e na Colômbia. A iniciativa se seguiu ao anúncio de uma recompensa de US\$ 50 milhões por informações que permitam a captura do presidente venezuelano, Nicolás Maduro, apontado como líder de um governo associado ao crime organizado. Washington formalizou a classificação do grupo Tren de Aragua — cuja existência real é discutida por estudiosos do assunto — como “narcoterrorista” e deslocou para a região o grupo de combate que acompanha o porta-aviões USS Gerald Ford, o maior do mundo. Aviões de transporte e de ataque foram concentrados território norte-americano de Porto Rico.

Nova etapa

Na avaliação do cientista político e advogado Orlando Vieira-Blanco, colunista do jornal venezuelano *El Universal* e adversário frontal do regime de Caracas, a ação do Natal, embora pareça inicialmente localizada e de alcance limitado, pode marcar a passagem a uma nova etapa do cerco declarado a Maduro pelo governo Trump. “O presidente (dos EUA) anunciou uma agenda de salvaguardas para a

luta contra o crime organizado, o terrorismo e o tráfico de drogas proveniente da Venezuela”, disse, em entrevista ao **Correio**. “Estão sobre a mesa novos movimentos de implantação (das medidas)”, arrisca.

Vieira-Blanco considera prematuro determinar o possível impacto da ofensiva de Washington sobre os negócios dos cartéis. Em cerca de quatro meses desde a mobilização, a força-tarefa no Caribe realizou mais de duas dezenas de ataques contra embarcações supostamente identificadas como a serviço do narcotráfico. Não foram registradas apreensões de drogas nem prisões, mas o saldo de vítimas é superior a uma centena de mortos. “É certo que isso fecha a passagem (para os cartéis) através do Caribe”, afirma o cientista político. “Pelo que se sabe, essa rota se tornou uma das vias para o tráfico de cargas ilegais de todo tipo e mesmo de pessoas.”

Rumores insistentes sobre o início de operações encobertas em solo venezuelano, por parte dos EUA, circulavam desde novembro. Na ocasião, chegaram a ser confirmadas por Trump, que no entanto omitiu informações mais concretas. Na última segunda-feira, quando recebeu, em seu resort na Flórida, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, ele foi questionado sobre a menção que fizera dias antes ao ataque contra o atracadouro, durante entrevista à emissora de rádio nova-iorquina WABC. O presidente corroborou a notícia, mas se recusou a adiantar detalhes, principalmente sobre as forças e agências envolvidas. “Sei exatamente quem foi, mas não quero falar sobre isso”, respondeu.

O possível início de uma etapa que incluí ações diretas em solo da Venezuela, ainda que contra alvos associados mais diretamente ao narcotráfico, se segue à escalada do cerco aeronaval. Nas últimas semanas, a Marinha dos EUA interceptou e arrestou petroleiros que afirmam ter rastreado desde a partida do litoral venezuelano e identificado como integrantes de uma “frota fantasma” que transporta petróleo de maneira clandestina, para driblar sanções impostas pelos EUA, unilateralmente. Os navios foram escoltados para portos norte-americanos e sua carga foi confiscada. O

Miguel J. Rodriguez Carrillo/AFP



Aviões militares Hercules C-130 concentrados em base norte-americana em Porto Rico: cerco aeronaval ao regime de Maduro

» Sanções a Caracas e Teerã

Os EUA anunciaram ontem uma nova bateria de sanções contra a Venezuela e o Irã pelo comércio de drones entre os dois países. O Departamento do Tesouro listou 10 indivíduos e organizações dos dois países, apontados como implicados na aquisição de veículos com design iraniano e em esforços para adquirir substâncias químicas de uso em mísseis balísticos. “Continuaremos tomando medidas rápidas para impedir que quem utilize o complexo militar-industrial de Teerã possa acessar nosso sistema financeiro”, afirmou John Hurley, vice-secretário do FED para Terrorismo e Inteligência Financeira. Entre os alvos ds represálias estão a Empresa Aeronáutica Nacional da Venezuela e seu presidente, José Jesús Urdaneta. “O contínuo fornecimento de armas convencionais do Irã a Caracas é uma ameaça aos interesses norte-americanos na região”, completou, em comunicado, o porta-voz do Departamento de Estado, Thomas Piggot.

governo de Caracas denunciou as ações como “atos de pirataria internacional”. Vizinhos como Colômbia, México e,

mesmo o Brasil, questionaram a legalidade das operações, sobretudo por serem acompanhadas de uma retórica em

que Trump deixa praticamente explícita a intenção de forçar a saída de Maduro do poder.

Para Orlando Vieira-Blanco, o impacto imediato da escalada sobre Maduro poderá ser “uma quebra em sua coalizão de poder”, referência ao apoio construído pelo chavismo, sobretudo nas Forças Armadas. O analista receia, porém, os efeitos sobre o cotidiano dos venezuelanos, em especial “as incertezas, o medo, o isolamento”. Ele concorda que é a população “quem sofre mais, impossibilitada de se contrapor à repressão do regime e às forças externas que o apoiam”, em uma situação “muito complexa e injusta para os que estão na primeira entre as vítimas de essa realidade penosa”.

Artistas boicotam shows no “centro Trump”

Vários artistas cancelaram apresentações no Kennedy Center, uma emblemática instituição cultural de Washington, que acaba de ser rebatizada como Trump-Kennedy Center por seu conselho diretor, integrado por aliados do presidente republicano. Músicos que deveriam tocar nas festas de fim de ano anunciaram a desistência, o que provocou a ira de Richard Grenell, presidente da instituição.

“Os artistas que agora suspendem os espetáculos foram contratados pela direção anterior, de extrema-esquerda”, escreveu

Grenell na rede social X, classificando-os como “ativistas”. “As artes são para todos, e a esquerda se enfurece com isso”, acrescentou, para em seguida protestar contra o que classificou como um “boicote”.

Grenell ameaçou um dos artistas, Chuck Redd, com ações legais, e exigiu uma indenização de US\$ 1 milhão (R\$ 5,5 milhões), segundo uma carta à qual a agência de notícias France Presse (AFP) teve acesso. No texto, ele acusa o músico de recorrer a “intolerância” e “táticas de intimidação”.

Para o *The Cookers*, grupo de jazz que decidiu cancelar o concerto marcado para hoje, “o jazz nasceu da luta e de uma obstinação incansável pela liberdade: liberdade de pensamento, de expressão”, diz um comunicado oficial dos artistas. “Não viamos as costas para o nosso público, e queremos garantir que, quando voltarmos ao palco, a sala possa celebrar a presença plena da música e de todos que a fazem.”

A companhia de dança Doug Varone and Dancers, com apresentação prevista para abril de 2026, também cancelou as

performances. “Por conta da última decisão de Donald Trump, de renomear a sala em sua homenagem, já não podemos nos permitir, nem pedir ao nosso público, colocar um pé nessa instituição outrora prestigiosa”, afirmou no Instagram.

Kristy Lee, cantora de folk, confessou nas redes sociais que cancelar seu show, previsto para janeiro de 2026, foi “doloroso”. “É assim que pago as minhas contas. Mas perder minha integridade me custaria mais do que qualquer salário”, explicou. A Casa Branca anunciou, em 18 de

dezembro, que o Kennedy Center passaria a se chamar Trump-Kennedy Center, após uma votação unânime do conselho diretor. A mudança de nome foi rejeitada pela família do falecido presidente John F. Kennedy e pela oposição democrata, à qual a família mantém prolongada fliação.

A nova direção da instituição também eliminou os espetáculos de drag e os eventos que celebram a comunidade LGBTQIA+. Em contrapartida, organizou conferências da direita religiosa e convidou artistas cristãos. Segundo a imprensa americana, a venda de ingressos diminuiu desde a chegada do novo conselho de administração.

ASSALTO CINEMATOGRAFICO



Rombo na parede do banco em Gelsenkirchen: polícia desconcertada

Ladrões levam milhões de banco alemão

Um assalto com rasgos de cinema movimentou, ontem, a polícia na cidade alemã de Gelsenkirchen, na região industrial do oeste do país. Ladrões roubaram dinheiro e objetos de valor avaliados em aproximadamente 30 milhões de euros (R\$ 196,7 milhões) depois de arrombarem o cofre de um banco com uma furadeira de grande porte. Os autores do crimes, que continuavam foragidos até o fim da noite, abriram mais de 3 mil cofres contendo dinheiro, ouro e joias.

O banco ficou fechado, “por motivos de segurança”, pois vários clientes, preocupados com seus bens, reuniram-se

pela manhã em frente ao local e fizeram “ameaças” aos funcionários. Um vídeo publicado pelo jornal popular *Bild* mostra dezenas deles tentando forçar a entrada no edifício.

O método empregado no assalto desconcertou os investigadores, pois os ladrões fizeram um buraco na sala dos cofres usando uma furadeira gigante. “Foi como no filme *Onze homens e um segredo*, comparou uma fonte policial. “Tudo transcorreu de forma muito profissional.” Os ladrões “aproveitaram a tranquilidade do Natal”, resume um comunicado oficial — o banco permanece fechado no período de festas.

Uma investigação foi aberta e a identidade dos autores do roubo não tinha sido determinada, assim como o horário exato da incursão. Segundo a polícia, testemunhas teriam visto vários homens, na madrugada de sábado para domingo, carregando sacolas grandes na escadaria de um estacionamento próximo ao banco. Um Audi preto com placa roubada, dirigido por indivíduos encapuzados, saiu desse mesmo estacionamento na primeira hora da manhã de segunda-feira, segundo imagens de câmeras de vigilância revisadas pela polícia. O roubo foi descoberto horas mais tarde, graças a um alerta de incêndio recebido pelos bombeiros.